

CRISE PÓS-ELEITORAL: UM MÊS E MEIO DEPOIS DA VOTAÇÃO

Já não é uma luta da oposição contra a Frelimo. É uma luta do povo perante a desvirtuação da sua vontade expressa nas urnas



Créditos: VOA Portugues

Quase um mês e meio depois das VI Eleições Autárquicas de 11 de Outubro¹, e cerca de um mês depois da proclamação dos resultados dessas eleições pela Comissão Nacional de Eleições² (CNE), o país continua mergulhado numa crise pós-eleitoral devido à fraude que consistiu, essencialmente, na desvirtuação da vontade do povo expressa nas urnas. Desde o dia 12 de Outubro, o povo está nas ruas, faça chuva, faça sol. Nessa luta, o povo parece estar disposto a enfrentar tudo e todos, incluindo a Polícia que se tem mostrado um instrumento ao serviço da fraude, reprimindo as

manifestações com violência, tendo já provocado 15 mortos³ e dezenas de feridos. O desfecho desta crise é de previsão hercúlea. Mas há dois cenários possíveis: transcender para um caos generalizado ou retomar-se à normalidade. Tudo depende do Conselho Constitucional, qual tribunal de última instância, a quem cabe a última palavra em matéria eleitoral. A Renamo, que está a liderar as manifestações, rejeita os resultados apresentados pela CNE. Diz que venceu as eleições em 15 municípios e tem provas, por isso, só aceita a vitória ou a repetição das eleições.

¹ <https://www.dw.com/pt-002/autarquicas-em-moçambique-dia-do-voto/video-67070259>

² <https://opais.co.mz/frelimo-vence-eleicoes-autarquicas-na-cidade-de-maputo/>

³ <https://www.rfi.fr/pt/moçambique/20231117-moçambique-polícia-acusada-de-atirar-contra-manifestantes-em-angoche>

Entretanto, o movimento contestatário está a ganhar uma dimensão que ultrapassa uma contenda entre partidos políticos, por um lado, a Renamo, e por outro, a Frelimo, que contro-

la as instituições. É o povo que está a assumir as despesas de uma luta com vista a ver a sua vontade expressa nas urnas respeitada. Outro aspecto interessante no meio desta crise polí-

tica é o surgimento de vozes de dentro da Frelimo, como Graça Machel, Teodato Hunguana e Samora Machel Júnior a condenarem a fraude e a defenderem o respeito da vontade do povo.

Uma nova era política de uma Renamo sem armas e com apoio popular

Em 15 de Outubro, três dias depois da votação, e com os órgãos eleitores a consolidarem, a nível do apuramento intermédio, a fraude que teve o seu ponto mais alto na noite de 11 de Outubro e madrugada de 12 de Outubro, o presidente da Renamo, Ossufo Momade, chamou a comunicação social nacional e estrangeira ao seu gabinete de trabalho, em Maputo, para anunciar uma vaga de manifestações⁴ em todas as 65 autarquias em contestação dos resultados eleitorais que nessa altura davam vantagem ao partido Frelimo. Foi o primeiro acto de contestação dos resultados eleitorais pela Renamo sem armas. Antes das eleições, tinha sido concluído o processo de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (DDR), encerrada a última base militar da Renamo e entregue a última arma. Enquanto teve armas, sempre que não concordou com os resultados das eleições, a Renamo recorreu à via armada, forçando mudanças na legislação eleitoral e na Constituição da República, como se viu na descentralização. Sem as armas, a Renamo ganhou um novo aliado para a agenda de contestação: o povo. Há pessoas que, não tendo votado na Renamo, são solidárias para com a Renamo, incluindo de dentro da própria Frelimo. Foram as primeiras manifestações bem organizadas, pacíficas e não violentas desde o início do multipartidarismo em Moçambique. As pessoas estavam lá, debaixo de chuva e sol, protestando contra



Créditos: RFI

a fraude eleitoral da Frelimo e reivindicando a vitória da Renamo. No município de Quelimane, com o seu grande histórico-cultural, as manifestações assumiram uma dimensão musical com a música "Trufafa trufafa trufafa" que, em pouco tempo, virou febre. Todos cantam e dançam ao som do "Trufafa". Atletas, crianças em escolas e transportes escolares vibram ao só do "Trufafa". Até em repartições públicas se

escuta "Trufafa", com a particularidade de os funcionários usarem auriculares para não sofrerem represálias, devido ao controlo do Estado pela Frelimo.

Em algum momento, acreditou-se que o tempo fosse enfraquecer o fenómeno das manifestações, mas parece estar a ocorrer o inverso. Já lá vão 30 dias e o povo continua nas ruas a exigir que o seu voto conte.

CNE chancela fraude e faz subir o tom das contestações com entrada de novos actores como a igreja e históricos da Frelimo

Tendo-se apercebido da impopularidade em que se encontra mergulhada e do descrédito para o qual empurrou os órgãos de gestão eleitoral, devido à mega-fraude, o Governo da Frelimo mobilizou um contingente da Polícia fortemente armada, como sói dizer-se, até aos dentes, para o recinto e perímetro do "Centro Internacional de Conferências Joaquim Chissano", em Maputo, local que acolheu a cerimónia de proclamação dos resultados das eleições autárquicas de 11 de Outubro. A pergunta, que até nos parece legítima, que se fez, a seguir, foi: sendo a Frelimo a grande vencedora do escrutínio, ou

seja, o partido mais votado pelos moçambicanos nas autarquias, o que, então, justifica a presença policial? É que a ideia que a presença policial transmite é a de que o partido vencedor das eleições tem medo do povo.

Enquanto a Renamo, ao lado do povo, luta nas ruas e nos tribunais pela verdade eleitoral, há uma espécie de combustível que sai de dentro da Frelimo que mantém a chama da luta. Duas vozes da família Machel, nomeadamente Graça Machel⁵ (activista social e viúva de Samora Machel), Samora Machel Júnior⁶ (membro do Comité Central e filho de Samora Machel) juntam-se à voz de Teodato

Hunguana (quadro sénior da Frelimo, antigo ministro, deputado e juiz conselheiro do Conselho Constitucional), defenderam recentemente a necessidade de se respeitar a vontade do povo expressa nas urnas. É verdade que estes posicionamentos, apesar de estarem do lado do povo, devem ser uma análise bem cuidada tendo em conta o momento político (final de um ciclo governativo) que o país atravessa.

A comunidade religiosa também interveio, sendo de destacar a Igreja Anglicana, da qual o actual presidente da CNE, Carlos Matsinhe, é bispo.⁷

⁴ <https://www.dw.com/pt-002/mocambique-renamo-anuncia-manifestação-pacífica-nacional/a-67103550>

⁵ <https://www.rfi.fr/pt/mocambique/20231001-graca-machel-preocupada-com-rumo-do-pais-parece-que-a-nossa-identidade-esta-um-pouco-a-venda>

⁶ <https://www.publico.pt/2023/10/20/mundo/noticia/filho-samora-machel-fraude-eleicoes-mocambique-2067394>

⁷ <https://e-global.pt/noticias/lusofonia/mocambique/mocambique-bispos-anglicanos-exigem-demissao-imediata-de-dom-carlos-matsinhe/>

Polícia ao serviço dos promotores da fraude matou pelo menos 15 pessoas

Devia ser uma Polícia republicana e apartidária, mas a Polícia da República de Moçambique está a agir como um instrumento ao serviço da fraude e do partido Frelimo. Na manifestação promovida pela Renamo em 27 de Outubro, a Polícia matou onze pessoas em Namicopo⁸, um bairro populoso da cidade de Nampula, no norte de Moçambique. No mesmo dia houve registo de mortes em Nacala Porto. Em Maputo, a corporação promoveu a detenção arbitrária de dezenas de jovens que ficaram privados de liberdade durante cinco dias.⁹

Dias depois, o ministro do Interior, Pascoal Ronda, esteve na Sessão de Perguntas ao Governo, na Assembleia da República. Escondeu a informação. Nessa sessão, Ronda disse que apenas

uma pessoa perdera a vida na província de Cabo Delgado¹⁰. Referia-se a um jovem simpatizante da Renamo. No entanto, só na zona norte morreram 14 pessoas em conexão com a actuação da Polícia.

Na manifestação que teve lugar no dia 16 de Novembro, em Angoche, a Polícia, igual a si, voltou à carga e abriu fogo contra uma caravana de membros e simpatizantes da Renamo. A operação repressiva com requintes de desumanidade e crueldade, culminou com a morte imediata de uma idosa e o ferimento, com gravidade, de seis pessoas.¹¹ A actuação da Polícia é uma das marcas negativas destas eleições.

Frelimo com medo do povo?

A seguir ao encerramento das urnas, sobretudo quando os resultados da contagem à boca das urnas davam vantagem à Renamo, este partido começou a celebrar os resultados, tendo no dia seguinte, dia 12, ido às ruas (caso de Maputo cidade) para agradecer ao eleitorado e denunciar manobras de desvirtuação da vontade popular. Enquanto isso, a Frelimo fechou-se em copas. Em cidades como Maputo e Matola, ensaiaram-se movimentos como os da Renamo, mas a adesão foi fraquíssima. Na Matola, a Frelimo organizou um "showmício" que se pretendia que fosse no interior do Estádio da Machava. A adesão foi tão fraca que as pessoas, na sua maioria jovens, ficaram do lado de fora do Estádio a comer carne de porco e a consumir bebidas alcoólicas.

No dia da proclamação dos resultados pela Comissão Nacional de Eleições, o recinto e o perímetro do local que acolheu a cerimónia foram transformados numa zona militarizada.

A seguir a este evento público, a Frelimo ganhou energia e saiu às ruas, só que com muita mobilização. Houve alocação de transporte (incluindo público) para levar as pessoas aos locais das marchas. Em cidades como Nampula recorreu-se a pessoas de fora da zona autárquica para as marchas. Enquanto isso, a adesão às manifestações da Renamo acontece de forma espontânea. Até em dias em que era humanamente impossível haver marchas lá estavam os membros e simpatizantes da Renamo. A Frelimo, que se diz vencedora, anda longe do povo.

Conselho Constitucional pede actas à CNE e alimenta esperança do povo

No âmbito dos trabalhos de validação dos resultados das eleições, o CC solicitou¹² à CNE a remessa de 39 editais reclamados pela Renamo no município de Quelimane, editais da Ilha de Moçambique e Angoche (Nampula), Alto Molócue e Maganja da Costa (Zambézia), Nihamankulu, Kampfumo, KaMavota (cidade de Maputo), cidade da Matola e Matola-Rio (província de Maputo). São editais de municípios onde a Renamo diz que ganhou. A decisão acendeu a esperança de o CC vir a fazer justiça. Recentemente, o mesmo CC tinha revogado as decisões dos tribunais distritais sobre os recursos da Renamo. Em Cuamba, o tribunal invalidou e anulou as eleições. O tribunal distrital de Chókwè¹³ também anulou

as eleições. Na cidade de Maputo, os tribunais distritais de Nihamankulu, Kampfumo e KaMavota anularam as eleições. Na cidade da Matola, o tribunal ordenou a repetição da contagem dos votos.

O desfecho da crise pós-eleitoral e o futuro da democracia estão nas mãos do CC, a quem cabe a última palavra em matéria eleitoral. Independentemente da decisão que o CC tomar, a mensagem que fica é a de que o povo não quer que lhe sejam impostos dirigentes em quem não votou. O povo deu um cartão vermelho ao sistema e assumiu ele mesmo as despesas de uma luta contestatária com vista a ver a sua vontade expressa nas urnas respeitada.



Créditos: RTP África

⁸ <https://torre.news/na-manifestacao-de-27-de-outubro-militares-com-fardamento-da-policia-mataram-pelo-menos-onze-pessoas-em-namicopo-nampula>

⁹ <https://opais.co.mz/dezassete-jovens-manifestantes-restituidos-hoje-a-liberdade/>

¹⁰ https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2023/11/violencia-eleitoral-os-assassinatos-que-o-ministro-ronda-escondeu.html

¹¹ https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2023/11/agentes-da-prm-disparam-balas-verdadeiras-numa-manifestacao-pacifica-e-ferem-gravemente-sete-membros-da-renamo-em-angoche.html

¹² <https://www.dw.com/pt-002/moambique-conselho-constitucional-pede-editais-a-cne/a-67413208>

¹³ <https://www.voaportugues.com/a/conselho-constitucional-anula-repeticao-de-eleicoes-autarquicas-em-chokwe/7324704.html>



Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.

Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.

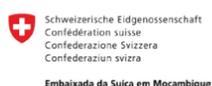
INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – CENTRO PARA DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Autor: CDD
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO



Embaixada da Suíça em Moçambique

